



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

LETÍCIA SANTOS ROLFINI

**A ADAPTAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS PARA O CINEMA:
ANÁLISE CRÍTICA DA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA DE
AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, DE LEWIS
CARROLL POR TIM BURTON**

**Assis
2010**



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

LETICIA ROLFINI

**A ADAPTAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS PARA O CINEMA:
ANÁLISE CRÍTICA DA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA DE
AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, DE LEWIS
CARROLL POR TIM BURTON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA, como requisito parcial à obtenção de Certificado de Conclusão do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientanda: Letícia Santos Rolfini

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

**Assis
2010**

Agradecimentos

Primeiro, agradeço a Deus por ter me dado a vida.

Aos meus pais, Marcos e Fátima, que me apoiaram e sempre me influenciaram, dando o melhor de si.

Aos meus irmãos, Vinicius Rolfini, Ulisses Rolfini e Elisa Rolfini, por estarem sempre por perto me aconselhando e ajudando a cada momento de minha vida.

Agradeço também à Leonilda Varela por ter me dado a oportunidade de estágio na Instituição.

Agradeço também à Professora Doutora Eliane Galvão que me orientou para a realização deste trabalho.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais.

Aos meus amigos do quarto ano de CSPP, do ano de 2010.

A todos que amam o tema Literatura e Cinema.

E aqueles que ainda acreditam no país das Maravilhas.

Comissão Avaliadora

Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira (Orientadora):

Maria Lúcia (Banca):

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca da adaptação da obra *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol, para o cinema, sob a direção de Tim Burton. Mais especificamente, busca-se refletir sobre a adaptação de uma obra de literatura infantil para o cinema. Trata-se, então, de detectar se uma obra escrita dotada de projeto estético ao ser adaptada para o cinema torna-se apenas mais um produto proveniente da indústria cultural ou sua versão cinematográfica também apresenta um trabalho estético.

Palavras-chave: literatura, romance, cinema.

Abstract

My conclusion work concerns about a reflexion made in Tim Burton's performance in Alice Wonderland film; that is an adaptation from Lewis Carroll's play. This play, a childish play, tell us about a girl among a magician world. Tim Burt changes this girl into a teenager girl, but she keeps on in the magician world. The film is produced by Walt Disney Productions and it has been seen by many kinds of people with different ages. Everybody knows that Alice in Wonderland film was produced more than twenty times and always it got a big box office success.

The particular subject I want to detect is if the stetic counted in the play keeps so good in the film or if it is only another product just for culture business.

Keywords: literature, novel, film.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I – Literatura Infantil	
1. A Literatura.....	13
2. O Surgimento da Literatura infantil.....	13
2.1 A Dramatização na Literatura infantil.....	18
2.2 A Leitura.....	19
2.3 Fábulas.....	21
Capítulo II – O autor e a obra em questão	
1. Lewis Carroll.....	26
1.1 Vida e obra de Lewis Carroll.....	26
1.2 Quem é Alice	28
1.2 Análise do Livro.....	29
1.2.1 O projeto gráfico editorial do livro.....	35
Capítulo III – A Adaptação e o Trabalho Prático	
1. O cinema no mundo.....	39
1.1 O surgimento.....	39
2. A Chegada do filme <i>Alice</i> no Brasil.....	40
3. Publicidade destinada ao público infantil.....	41
3.1 Publicidade destinada ao público diverso e adulto.....	42
4. Análise do Filme adaptado.....	45
4.1 Ficha técnica.....	45
4.2 Divisão em atos.....	46
4.3 Principais diferenças observadas entre o filme e o livro.....	57
4.4 Principais semelhanças observadas entre o filme e o livro.....	59
Considerações finais	60
Bibliografia	61

Lista de figuras

Figura I – Alice no reino fantástico.....	12
Figura II - Alice e sua gata Dinah.....	25
Figura III – Lewis Carroll.....	26
Figura IV - Alice e sua irmã Edith.....	29
Figura V – Capa da edição de 2002.....	30
Figura VI – Alice na hora do chá.....	32
Figura VII – Alice e as cartas de baralho.....	34
Figura VIII – Calçado inspirado na personagem Alice.....	42
Figura IX – Calçado infantis inspirados na personagem Alice.....	43
Figura X – Alimentos inspirados no país das maravilhas.....	43
Figura XI – Personagens em açúcar inspirados no país das maravilhas..	44
Figura XII – Joias inspiradas no país das maravilhas.....	45
Figura XII – Cartaz do filme.....	46
Figura XIV – Alice e seu pai.....	47
Figura XV – Os Hamish.....	48
Figura XVI – Os convidados.....	49
Figura XVII – A curiosidade de Alice.....	50
Figura XVIII – Alice adentra o país das maravilhas.....	51
Figura XIX – Os gêmeos.....	52
Figura XX – O Gato.....	54
Figura XXI - O Chapeleiro prisioneiro da Rainha Vermelha.....	55
Figura XXII - O Cachorro.....	56
Figura XXIII – A batalha final.....	57
Figura XXIV – A partida.....	58
Figura XXV – O Chapeleiro.....	59
Figura XXVI – A Rainha Vermelha.....	59

Introdução

Este trabalho visa analisar a adaptação cinematográfica do livro *Alice no País das Maravilhas*, do escritor Lewis Carroll, sob a direção de Tim Burton (2010).

Pretende-se entender a adaptação como um processo que envolve opções estéticas que estão relacionadas à dominância da linguagem audiovisual. Objetiva-se, ainda, analisar as características gerais de cada uma das obras, a fílmica e a literária, em seus seguintes elementos narrativos: narrador, espaço, tempo, personagens etc., observando na versão fílmica os recursos audiovisuais.

Parte-se do pressuposto de que uma adaptação requer um processo criativo, assim, ela não precisa ser idêntica ao texto original, antes, deve diferir deste para que tenha sua própria identidade,

Constrói-se neste trabalho a hipótese de que a cultura de massa, sobretudo, a veiculada pela indústria cultural na forma cinematográfica, pode democratizar a cultura. Dessa forma, o cinema pode levar a arte até locais em que um livro não chega, ainda, pode alavancar as vendas de livros adaptados.

Mais especificamente, visa-se refletir sobre a transposição da obra para o cinema, a partir da nova adaptação, lançada no ano de 2010, nos Estados Unidos. Nessa análise, busca-se refletir se houve interesse do público pelo filme.

A obra de Lewis baseia-se no fantástico, no universo inspirado pela fantasia. Segundo o dicionário Aurélio, *Fantasia* significa:

Imaginação criadora; ficção; coisa que não tem existência real, mas apenas ideal. Extravagância; alucinação. Pequena obra de arte em que o autor se deixa levar pela imaginação caprichosa. Música, variação mais ou menos desenvolvida sobre um trecho musical. Bras. Máscara, disfarce ou vestimenta carnavalesca. (AURÉLIO, 2009, p.365).

A palavra *fantasia* nos lembra do mundo imaginário e da criação de vários artistas, mas ninguém melhor do que Walt Disney para nos transportar ao mundo dos sonhos e do maravilhoso. O legado de Disney se espalhou pelo

mundo inteiro, a sua fantasia abrange todos os tipos de seres humanos e o seu trabalho vem sendo reproduzido e aprimorado com o passar dos tempos. Através dessa criação e aprimoramento, a indústria Disney lançou em 2010 mais um filme que alcançou as telas cinematográficas mundiais. Trata-se de uma adaptação da obra literária de Lewis e o nosso questionamento consiste em refletir acerca das intenções dos produtores em apresentarem o *remaker* da história *Alice no País das Maravilhas* tantas vezes contada e recontada.

Podemos salientar também, que não será essa a primeira vez que *Alice no País das Maravilhas* aparece nas telas de cinemas. Sabe-se que as primeiras versões foram apreciadas pelas massas, sobretudo, mais do que o livro. Vale, então, refletir se esta de 2010 também o será.

Para a consecução dos objetivos, este trabalho é composto por três capítulos. No primeiro, apresentamos as origens da literatura infantil, suas características, bem como sua relação com seu leitor. Analisamos, ainda, a obra de Lewis. No segundo, abordamos o surgimento do cinema e a chegada do filme adaptado da obra de Lewis ao Brasil, revelando a estrutura de marketing utilizada. No terceiro, analisamos o filme na versão dirigida por Tim Burton e refletimos sobre a indústria Disney. Finalmente, no quarto capítulo apresentamos o trabalho prático que consiste na criação de uma peça publicitária.

LITERATURA INFANTIL



Figura I - Alice no reino fantástico

(Fonte: <<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=819>>, 2010).

1. A Literatura

Para Dirce L. Fernandes, é consenso geral que a literatura é a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso, contudo

[...] a Literatura, por ser arte, exige um aprofundamento deste primeiro conceito, considerando as suas reais complexidades. A boa Literatura tem raízes profundas no ser que a produz, indo lançar sua seiva no leitor/ouvinte, produzindo as mais variadas reações. (FERNANDES, 2003, p.66).

De acordo com Iser (1999, p.143-4, vol.2), em uma obra literária existem vazios que podem ser explorados para fins políticos, comerciais e estéticos. Assim, o romance de tese reduz os vazios porque deseja doutrinar; o romance seriado, a exemplo do folhetim no século passado, introduz, por sua forma de publicação, empregar a sugestão que desperta para fins de publicidade; por fim, o romance literário absolutiza os vazios porque pretende que o leitor descubra as suas próprias projeções. Vale então refletir se, na adaptação para o cinema, o romance literário de C. S. Lewis perde suas qualidades intrínsecas, literárias, e transforma-se apenas em um produto da indústria cultural voltado para fins publicitários como meio de arrecadar lucro e promover outros subprodutos.

2. O surgimento da literatura infantil

Segundo Dirce L. Fernandes,

A Literatura Infantil originou-se na Índia, expandindo-se e concentrando-se na Novelística Popular Medieval. Desde essa época, a palavra se impôs ao homem com seu encantamento, como um poder misterioso que lhe facultava proteger ou ameaçar, edificar ou destruir. As Narrativas que hoje conhecemos têm caráter mágico ou fantasioso. Partem da descoberta do mundo fabuloso das narrativas orientais, surgidas séculos antes de Jesus Cristo, e se espalharam pelo mundo levadas pela tradição oral. (FERNANDES, 2003, p.66).

O surgimento da literatura infantil trouxe para o mundo aquilo que mais nos prende a atenção em determinados momentos da leitura, o sonho, seja ele misterioso, ameaçador ou até mesmo perfeito,

Assim como a literatura, a publicidade e a propaganda também têm esse poder de prender a atenção de seu público-alvo pela oferta do sonho, de um estilo ideal de vida, de um estatuto social etc. A publicidade e a propaganda fazem isso, através da emoção, razão, inovação, portanto, elas nos instigam ao ato da compra mesmo que não estejamos precisando de determinado produto. Ambas, como a literatura, exploram nosso imaginário.

O primeiro contato da criança com um livro é de imensa importância, por isso é desejável que, quando elas ainda não lêem, uma história seja contada por um adulto. Esta deve ser voltada ao interesse da criança, principalmente se ela quiser mostrá-la para outra pessoa e descrever o que está sendo narrado, através de gestos, indicações com os próprios dedos ou até mesmo com as expressões no rosto. Para que a criança se interesse por uma narração é necessário que o leitor trabalhe dois atos, o ato de falar e, depois, o de se expressar, fazendo movimentos de modo que cause curiosidade para a criança.

Inúmeras histórias clássicas têm sido parafraseadas por muitos escritores modernos em um processo de adaptação. Ao adaptá-las ao gosto atual, eles vêm alcançando muito sucesso junto às crianças. Atualmente, as escolas e os pais conferem maior relevo ao ato de contar histórias (FERNANDES, 2003, p.20).

De acordo com Fernandes, as histórias Clássicas sempre estão presentes, indo e voltando com força e sempre de um modo diferente e novo. Assim como a publicidade e a propaganda que têm o poder de bater na mesma tecla, de modo criativo, para que consiga vender e criar conceitos diferentes para a mesma marca em vários anos para que ela não seja esquecida.

Aquilo que é clássico dificilmente é esquecido, sendo assim é positivo que as crianças reencontrem, quando alfabetizadas, histórias já contadas por seus pais ou responsáveis, nos livros e no cinema, pois é satisfatório e prazeroso viver novamente aquilo que já foi esquecido.

A história Clássica não se constitui para a criança como um ser irreal, antes como algo com que ela possa se relacionar e interagir usando sua habilidade de entrar no mundo da personagem e estar com ela nesse ambiente encantado, esquecendo-se do que ela é de verdade. Para que isso aconteça, a história deve prender a atenção do leitor de forma que tenha coerência, que induza o leitor a sair do lugar comum e procurar o que tem de incomum na história contada. De acordo com Debus,

[...] no Brasil do século XIX, os pais não eram obrigados a colocar os filhos na escola. Podia-se aprender a ler e a escrever em casa, com a ajuda de um instrutor particular. (DEBUS, 2008, p.13).

Por volta de 1880, os tempos mudaram porque a classe média requeria melhoria na saúde, nos transportes e na educação. Essa busca por uma sociedade melhor levou as famílias a oferecer aos filhos uma oportunidade que jamais os pais tiveram, ou seja, a aquisição de cultura. Nessa época, o índice do analfabetismo era maior, essa realidade vem melhorando através dos tempos e, hoje, com a ajuda de livros, professores particulares, pesquisas em internet e outros recursos fornecidos pelo mundo atual, tornou-se mais fácil alfabetizar as crianças, embora seja uma missão que requer bastante investimento e persuasão.

Poderíamos questionar qual seria o próximo passo após a alfabetização, muitas crianças deviam perguntar e talvez ainda perguntem até hoje qual seria a verdadeira importância desse contato com as letras, pois além de se ter todas as suas utilidades práticas, há também de se esperar mais do que uma simples lição de escrita e leitura. A literatura assegura às crianças e aos jovens a ampliação de seu imaginário e de seus horizontes de expectativas, por meio da revisão de conceitos prévios, ou seja, de preconceitos, justamente essas qualidades que levam o ser humano a conviver socialmente de forma bem sucedida e a desempenhar seus papéis de forma ética e criativa.

Como é bom saber que alguém lê por mero prazer, para se distrair, passar o tempo, buscar alegria e até fugir da realidade, enquanto sonha, vive em um mundo criado por um autor, que o ajuda a aprender prazerosamente.

A literatura infantil passou a ser mais presente na vida dos leitores mirins à medida que estes se tornaram autênticos e “donos” de sua vontade no que

se refere à aquisição de bens materiais, atitude que não era permitida às crianças. Hoje, não só os pais incentivam a compra de livros para um aprimoramento cultural, mas também a mídia e a sociedade que fazem parte da vida da criança e do adolescente.

Exposições de livros, bienais de literatura e até mesmo festas de lançamentos de obras literárias com direito a autógrafos de escritores atuais, já fazem parte da vida das crianças.

A obra Literária deve, então, ser escrita por alguém para outro alguém que se propõe a ler, havendo assim um elo entre o autor e o leitor. Assim como a literatura, também a publicidade deve possuir dois pólos: o emissor e o receptor. Cabe à publicidade e à propaganda a responsabilidade de fazer com que chegue ao conhecimento do consumidor o produto a ser oferecido, sendo necessário haver um vínculo de interesses entre as duas partes, ou seja, o conhecimento de um produto ou serviço para que, futuramente, estes sejam vendidos e tornem uma determinada marca forte e conhecida.

A obra literária torna-se um objeto social a partir do momento em que faz com que o leitor viaje na história e traga para a vida real aquilo de mais perfeito e diferente que encontrou na obra lida. Os leitores tornam-se críticos e desafiam até mesmo o próprio autor a lançar algo que lhes dê mais prazer e seja mais diferente, que prenda ainda mais a atenção. Esse desafio se estabelece entre interesse e gratidão pela obra vendida e adquirida pelo leitor.

O leitor só vai se aproximar de um texto a partir do momento em que ele perceber que aquele determinado assunto é de seu principal interesse, isso faz com que o texto lhe prenda atenção no momento em que ele lê o texto, se ele se encaixa no perfil do leitor, se o texto tem coerência, lógica, criatividade, e até mesmo quando o texto tira o leitor do mundo real para o mundo do imaginário, do mágico e do inesperado daquilo que se refere ao mundo real. Desse modo, a comunicação literária com o público infantil se efetiva no momento em que a palavra se torna gesto.

Assim, a comunicação literária com o público infantil é o primeiro momento em que as palavras escritas pelo autor vão ao encontro deste público, trazendo para estes pequenos a curiosidade e é, por meio dela, que eles vão descobrindo as coisas. E a palavra só se torna viável quando ela é pronunciada. Para que isso aconteça é preciso que o profissional da área de

comunicação volte seu olhar crítico para seu público, visando identificar com clareza, entre os produtos midiáticos já existentes, quais apresentam um trabalho rico capaz de agregar valores que permitem ao receptor uma ampliação de seu horizonte de expectativa.

Conforme Lopes, a estrutura literária, como outra estrutura ideológica, refrata a sociedade sócio-econômica que a gera, mas a seu modo. Ao mesmo tempo, em seu “conteúdo”, a literatura reflete e refrata as reflexões e refrações de outras esferas ideológicas (ética, epistemologia, doutrinas políticas, religião, etc.). Isso significa que, em seu “conteúdo”, a literatura reflete a totalidade do horizonte ideológico de que ela própria é uma parte constituinte. Assim, o conteúdo da literatura reflete outras formações ideológicas não artísticas (éticas, epistemológicas, etc.). Ao refleti-las, a literatura engendra novas formas, novos signos do intercurso ideológico. Esses signos são obras de arte, que se tornam parte real da existência social que rodeia o homem. As obras literárias, então, refletindo algo externo a elas, constituem ao mesmo tempo fenômenos singulares. Na literatura infantil brasileira, seu papel pode ser reduzido ao de auxiliar e refletir outras ideologias. Desse modo, as obras literárias possuem um papel ideológico independente, bem como um modo particular de efetuar a refração da existência sócio-econômica. (LOPES, 1993, p.88).

Assim, a obra literária não se preocupa com o lucro e sim com o seu ideal, sejam eles políticos, religiosos entre outros. As obras literárias pretendem mostrar para o leitor o que acontece na sociedade econômica, fazendo-o refletir sobre isso. A literatura tem, na maioria das vezes, o intuito de transmitir ao leitor novas formas, novas visões e signos. As obras literárias conferem maior ênfase aos ideais sejam eles: políticos, religiosos ou sociais, e tentam levar o leitor a se preocupar com problemas existentes na sociedade, nem que isto afaste os escritores de grandes lucros. Nem sempre grandes autores são aqueles que têm grandes lucros, na maioria das vezes, alguns Folhetins com pouca qualidade são mais aceitáveis ao público consumidor do que aqueles mais elaborados.

2.1 A dramatização na literatura infantil

Para Fernandes, a dramatização na literatura infantil consiste na representação de um texto escrito:

Quanto mais interessante o texto, melhor se prestará à representação. A dramatização é importante por oferecer a vantagem de desinibir naturalmente os indivíduos mais tímidos e por prender a atenção daqueles que se dispersam com grande facilidade. (FERNANDES, 2003, p.27).

Além da possibilidade de dramatização, outro item importante em uma produção destinada às crianças e aos jovens, para o autor, é a presença de humor. De acordo com Fernandes:

[...] tanto na Literatura Infantil como na vida cotidiana, não implica viver contando piadas a todo instante, gargalhar sem motivos aparentes, não implica palhaçada nem atos ridículos. O Humor pode ser entendido como um estado de espírito que leva as pessoas a encarar o mundo de uma forma mais agradável e descontraídas, dando menos importância às mazelas cotidianas. (FERNANDES, 2003, p.59).

O humor pode ser entendido, então, como um estado de espírito que leva as pessoas a ver o mundo diferente, descontraído, deixando a vida mais prazerosa.

Um autor que utiliza com maestria esse recurso é Monteiro Lobato, em todas as suas obras há exploração do humor. Para Fernandes, é

[...] em *O Sítio do pica-pau-amarelo* [que], com muita propriedade, manipula veracidade e ficcionalidade: no sítio, um sabugo de milho fala e uma boneca de pano ganha vida e, aliando-se a outros personagens, vivem aventuras inusitadas. Além disso, sua obra está ligada a aspectos didáticos: ensina brincando, é agradável, divertida tal como faz Ziraldo em *O menino maluquinho*. (FERNANDES, 2003, p.59).

Em *O sítio do picapau amarelo*, o humor aparece principalmente nos personagens do visconde, um sabugo de milho, e da Emília, uma boneca de pano crítica e inteligente.

Na obra de Ziraldo, *O Menino Maluquinho*, o inusitado aparece no personagem central que usa uma panela na cabeça. Esse personagem tem as características de um menino levado, brincalhão, bem humorado e inteligente, essas características é que tornam a obra mais atrativa para os jovens leitores.

2.2 A leitura

O ato de contar histórias é um costume muito antigo, remonta aos primórdios da oralidade. Contudo, a concepção de criança surge com a ascensão da burguesia no século XVII e XVIII na Europa, e XIX, no Brasil. Iniciando assim, o interesse por uma literatura específica, em que haja adaptação dos contos populares e folclóricos que, até então, não eram reconhecidos como dignos de serem registrados por escrito.

Pode-se dizer que, realmente, começam a surgir no mercado livros específicos para o público infantil na metade do século XVIII quando se considera também a criança como indivíduo. Daí em diante, a literatura infantil expande-se da França para a Inglaterra, onde se fortaleceu com a Revolução Industrial. Esta assinalou o período com atividades renovadoras nos setores econômicos, sociais e políticos da época, o que favoreceu o crescimento industrial ligado à criança. Houve, então, a industrialização de brinquedos, livros e o surgimento de novas profissões como a pedagogia, psicologia infantil, pediatria.

O homem, assim que aprendeu a se comunicar com seus semelhantes, a questionar suas origens, seus sentidos, suas vontades e suas características sentiu uma imensa necessidade de criar a história. Segundo Fernandes,

É possível que a necessidade de contar histórias tenha nascido com o homem, quando se tornou inevitável a comunicação com os seus semelhantes, a respeito de suas experiências, com significados comuns a todos. Isto explica a íntima relação entre a literatura escrita e a oralidade. (FERNANDES, 2003, p.7).

Até bem pouco tempo atrás, nós tínhamos dois vocábulos distintos para diferenciar o sentido de história: a história inventada e a história real, ou seja, uma criada para o entretenimento e a outra que se referia á fatos realmente acontecidos na vida de um país, grafadas respectivamente como *estória* e *história*.

Neste trabalho interessa a história criada, a ficcional, que não precisa ser verídica, mas que conduz ao deleite quanto mais fantasiosa for. Isso não significa que esta história ficcional seja desvinculada do verossímil, pois para ser compreendida deve apresentar uma verossimilhança interna, uma coerência textual.

Às vezes, se a realidade nos aflige, pagamos por um produto ou serviço para fugirmos dela, essa é uma das razões pelas quais os nossos queridos autores escrevem. Quem não gostaria de viver eternamente em Never Land? Bem, ilusão ou verdade, o que nos cativa é a maneira como as histórias nos são apresentadas. Nota-se que muitas vezes há uma comunhão entre escrita e oralidade, essas duas têm caminhado juntas. Na maioria das vezes, uma complementa a outra. A oralidade, pelo fato de nos motivar a leitura, convida-nos a conhecer aquilo que nos é antecipado.

Ao abriremos um livro, o prazer reside em tentar antecipar em nossas mentes a curiosidade criada pelo autor que narra uma história. Assim, perguntamos sobre o que será narrado e se haverá algo de novo. A que lugares o livro nos poderá levar, que sentimentos surgirão em nossos corações durante e após “sua” leitura, quais e como serão as personagens, que aventuras viveremos juntos. É essa curiosidade, esse desejo de conhecer o novo que nos incita a ler, portanto, voltamos a afirmar que só será válida a história que, ao ser contada oralmente, produza entusiasmo àqueles que a ouvirem.

2.3 Fábulas

Entre as histórias mais antigas, estão as fábulas:

[...] em verso, cujos personagens são animais dotados de qualidades humanas.

As mais célebres fábulas são as de Esopo, La Fontaine e Florian. (LEFÊVRE, 1827, p.4).

Segundo Lefêvre, a fábula é uma narração em versos ou pode-se considerar como uma narrativa em que os animais são os personagens protagonistas de uma determinada história. Na construção de uma fábula, o autor coloca, dentro da narrativa, características dos seres humanos, em que animais se tornam os personagens protagonistas e tudo o que o ser humano faz é adaptado para a fábula de modo que o leitor, ao ler o texto, encontre essas características humanas nos personagens e possa refletir através deles sobre o que é narrado. Dessa forma, a fábula é.

[...] um gênero muito antigo que se encontra praticamente em todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos. Esse caráter universal da Fábula se deve sem dúvida, a sua ligação muito íntima com a sabedoria popular. De fato, a Fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude e termina, invariavelmente, com uma lição de moral. (BAGNO, 2002, p.23).

A fábula, segundo Bagno (2002), é um gênero de caráter universal que tem sempre em seu desfecho uma sabedoria popular, uma lição de moral, que leva o leitor a comparar o que leu com sua vida pessoal. Os gregos chamavam as fábulas de apólogo, elas deviam ter uma clareza na construção da escrita e, na maioria das vezes, trazer o apelo emocional voltado para os homens, sendo assim uma parábola.

O criador das fábulas na tradição oral, segundo Bagno, foi Esopo. Também ele foi o introdutor desse gênero na literatura latina. O autor atribui a este contador de histórias a autoria de um imenso número de apólogos e fábulas reunidos na célebre obra *Vida de Esopo*, escrita no século XIV. Esopo viveu no século VI, a.C. e foi escravo, sendo depois liberto por Augusto, vivendo em Roma e sendo considerado fabulista latino, de 30 a.C. a 44 E.C.

Suas Fábulas foram escritas em versos e tinha um acentuado cunho satírico. (BAGNO, 2002, p.26).

Na Índia, a fábula chamava-se Pachatantras e tinha papel fundamental para a cultura indiana. As fábulas só começaram a se popularizar no século VI a.C. e com a intenção de fazer com que o leitor decifre determinado “código” para compreender a lição de moral, normalmente disposta no fim da narração. Uma fábula deve ser escrita com uma linguagem mais popular, simples e sintetizada.

Outro gênero que remonta às origens da narração escrita é o romance. Seu apogeu ocorreu durante o Romantismo:

[...] um movimento europeu que se manifestou nas letras e nas artes desde o séc. XVIII na Inglaterra e na Alemanha. Depois se espalhou pelos países de formação Européia como o Brasil. (ENCICLOPÉDIA LAROUSE CULTURAL, 1995, p.519).

O Romance, que se originou no século XVII, na França, veio para o Brasil no XVIII. Com o surgimento do romance, várias transformações sociais, econômicas e políticas foram vivenciadas na Europa e, posteriormente, no Brasil. Para acompanhar todo esse desenvolvimento, o homem foi obrigado a se adaptar a essas mudanças. Partindo do pressuposto de que a maioria dos romances tem como ponto de referência determinados conflitos que envolvem a situação social e política de uma determinada época, observamos que nunca uma história de amor, um desajuste familiar ou qualquer problema sentimental são tratados isoladamente. Sempre há a inserção de um acontecimento marcante na vida dos cidadãos da época e do lugar da trama.

No Brasil do século XVIII, a classe média alta começa a se interessar pela leitura de romances. Ao tornar-se o público-alvo dessa produção, passa a ser também o tema dessas narrativas. Assim, os romances apresentavam, personagens dessa camada social, bem como seus hábitos, costumes e anseios. Havia também a crítica abordada nos romances, estas tanto se referiam a problemas existentes nessa camada social – média –, como às vezes, a enaltecia, representando-a ora como opressora, ora como salvadora.

O romance começou a fazer sucesso primeiramente na cidade de Londres, no ano de 1740, quando surgiu a primeira biblioteca circulante. Posteriormente, chegou ao Brasil, percebendo o mesmo sucesso, por ocasião das publicações parceladas nos rodapés dos jornais. Tratava-se dos folhetins que traziam capítulos que se encerravam em cada tiragem sempre no ponto mais interessante da narração com o objetivo de despertar para a publicidade, ou seja, para o consumo do próximo número (In: <<http://seer1.fapa.com.br>>, 2010).

O romance, após seu sucesso entre os adultos, começa a buscar incessantemente um novo público-alvo. No século XIX, no Brasil, os jovens se apropriam de obras como *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Contudo, não há uma produção especificamente infantil. Assim, para a alfabetização das crianças nas escolas utilizam-se fábulas moralizantes e trechos bíblicos. Contudo, começam a aparecer contos de fadas traduzidos e, finalmente, alguns professores optam por produzir romances em que as crianças sejam protagonistas.

Surge, então, o leitor mirim que lê ou que apenas ouve, mas exige o contato com a leitura. Trata-se daquele pequeno leitor que só dorme após ouvir ou ler uma “historinha”. Para agradar a esses novos leitores, os autores passam a abordar temas infantis em seus romances, sem fugir das críticas à situação política sócio-econômica.

O público-alvo infantil foi crescendo aos poucos até tornar-se uma grande massa leitora equiparando-se ao público adulto. Hoje, é ele quem escolhe e propaga o estilo de leitura que mais se adapta ao seu gosto. A criança e o adolescente não precisam mais da influência adulta, eles são capazes de escolher sua própria literatura, além disso, “exigem” a aquisição dos livros.

Todavia, vale refletir sobre o poder da mídia em relação às escolhas das crianças e adolescentes atualmente, pois muitas vezes determinadas por blogs, sites voltados para esse público, amigos, modismos etc. Trata-se de uma produção esvaziada de conteúdo crítico que visa apenas ao escapismo e ao modismo.

Diante do exposto, no próximo capítulo refletiremos sobre a obra *Alice, no País das Maravilhas*, buscando identificar seu conteúdo ideológico, ou seja,

será que essa obra é alienante, visa apenas ao entretenimento ou leva seu leitor à reflexão, a desenvolver um olhar crítico acerca da realidade que o cerca.

A obra e o autor em questão



Figura II - Alice e sua gata Dinah

(Fonte: <<http://www.fashionbubbles.com/biblioteca/reinacoes-de-alice/>>, 2010).

1. Lewis Carroll

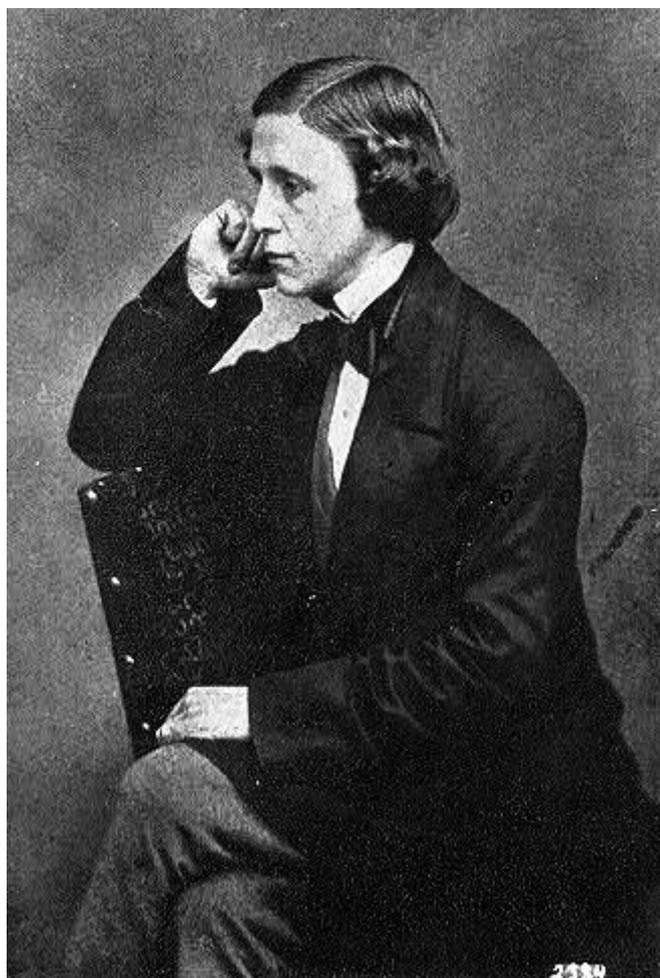


Figura III – Lewis Carroll

(Fonte: <http://www.iesdionisioaguado.org/mates/index.php?option=com_content&task=view&id=68&Itemid=36>, 2010).

1.1 Vida e obra de Lewis Carroll

Em 27 de janeiro de 1832, na cidade de Daresbury, região de Cheshire, Inglaterra, nasceu Charles Lutwidge Dodgson, que mais tarde se tornaria escritor famoso com o pseudônimo de Lewis Carroll. Filho de um pastor protestante, homem culto e severo, Carroll estudou em renomados colégios religiosos e desde cedo se destacou como aluno brilhante, revelando forte

interesse por literatura e principalmente por matemática. Em 1854, formou-se em Ciências Matemáticas no *Christ Church College*, na Universidade de Oxford, e já no ano seguinte foi aceito como professor daquela célebre instituição, permanecendo nesse cargo até o fim da vida.

Publicou, com seu verdadeiro nome, diversos livros e artigos sobre lógica e matemática. Com o pseudônimo de Lewis Carroll, publicou livros infantis, dos quais os mais conhecidos são *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Através do Espelho* e *O que Alice encontrou lá* (1872). Para crianças, publicou ainda o extraordinário poema em oito cantos *A Caça ao Snark* (1876), o romance *Sylvie e Bruno* (1889) e sua sequência, *Conclusão de Sylvie e Bruno* (1893) e, também em 1889, uma versão reduzida de Alice para crianças pequenas.

A timidez excessiva sempre foi o mais notável dos traços do caráter de Carroll. Talvez por isso, ele nunca tenha se casado. No entanto, sempre manifestou grande afeição por meninas pequenas (curiosamente, ele não suportava meninos). Em companhia de suas amiguinhas, Carroll transformava-se inteiramente: deixava de lado o acanhamento e revelava um temperamento amável e até mesmo descontraído. Em todas as suas viagens, carregava consigo uma bolsa cheia de brinquedos e pequenas curiosidades para entreter as meninas com quem se encontrava. Além do enorme talento e interesse que demonstrava por lógica e literatura, Carroll desenvolveu também uma outra atividade artística, ainda nova em seu tempo: a fotografia. Especializou-se em retratar meninas, chegando a ser considerado por muitos como um dos mais importantes fotógrafos do século XIX. A fotografia possibilitou-lhe também aproximar-se de muitas meninhas e travar “pequenas amizades” que por vezes chegaram a perdurar longos anos.

Em 1855, seu primeiro ano como professor em Oxford, tornou-se amigo do novo decano da faculdade, Henry George Liddell. No ano seguinte, conheceu suas três filhas, Lorina Charlotte, Alice Pleasance e Edith: esse dia foi registrado em seu diário com particular entusiasmo. Num dia de verão de 1862, Carroll e um seu amigo, o reverendo Duckworth, fizeram um passeio de barco pelo rio Tâmis com as irmãs Liddell.

Alice, sua preferida entre as três, contava então com dez anos de idade. Esse passeio marcou para sempre a vida do escritor, pois foi ali, com a mera

intenção de divertir e agradar suas queridas crianças, que Lewis Carroll inventou boa parte das aventuras de Alice no País das Maravilhas.

A pedido da própria Alice, Carroll escreveu a história. Depois de muitas alterações e de submeter o manuscrito à apreciação de alguns amigos, publicou o texto em 1865. Só muito mais tarde veio a escrever *Através do Espelho* e as suas outras obras voltadas para o público infantil. Embora tenha lecionado até o final de sua vida, Carroll nunca chegou a fazer uma brilhante carreira como professor, nem tampouco se dedicou à oratória eclesiástica (que seria uma das possibilidades oferecidas por seu cargo em Oxford), porque se envergonhava profundamente de sua gaguez. Abandonou a fotografia em 1880, recusando-se a adotar inovações técnicas como o uso da película em vez da antiga chapa fotográfica.

Nos últimos meses de vida, Charles Dodgson passou a repudiar tudo o que dizia respeito a Lewis Carroll, recusando-se até mesmo a receber as cartas endereçadas a este nome. Morreu, em 1898, em consequência de uma bronquite.

(Fonte:http://200.136.76.125/colegio/livros/download/alice_no_pais_das_maravilhas.pdf, 2010).

1.2 Quem é Alice

A personagem Alice é uma menina de dez anos que passa por uma série de aventuras ao entrar no mundo das maravilhas. Uma das principais características de Alice é que, pela sua idade na história, ela é muito sábia, pois se questiona bastante a cada atitude que toma no decorrer da narração.

A protagonista tem uma irmã que é muito diferente das personagens que ela conhece no país das maravilhas e ela tem uma gata chamada Dinah. Com o decorrer da história, percebe-se que se trata de uma menina que relaciona o que vê, imagina ou sente, com a lógica, por isso é uma personagem teimosa e persistente em tudo o que ela faz.

Ao conhecer alguns personagens, ela passa a ficar sem paciência porque duvidam do que ela é capaz de fazer. Alice adora poesias e é uma menina muito curiosa que não deixa passar nada em branco, a tudo questiona

e quer a resposta na hora. Ela acha que alguns amigos aos quais conhece no decorrer da história poderiam ser diferentes.

A personagem originou-se durante um passeio em que Charles Lutwidge Dodson realizou com seu amigo Robison Duckworth e as filhas destes: Lorina Charlotte de 13 anos, Alice Pleasance de dez; e Edith de oito.

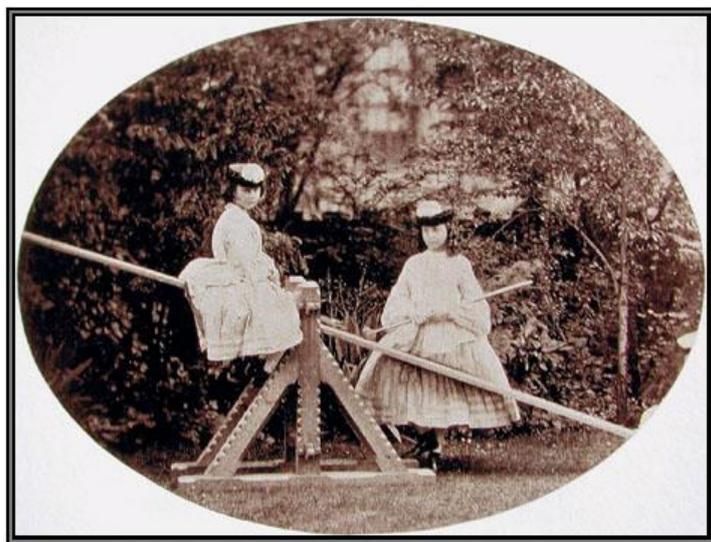


Figura IV - Alice e sua irmã Edith

(Fonte: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.alice-in-wonderland.biz/backgroundliddell.htm&ei=jsxtTI3SCMT48AbIzI3hCw&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=1&ved=0CBkQ7gEwAA&prev=/search%3Fq%3DLorina%2BCharlotte,Edith%2BMary%2Be%2BAlice%2BPleasance%2BLiddell%26hl%3Dpt-BR>, 2010).

1.2 Análise do livro

A seguir apresentamos a capa da obra em estudo neste trabalho:

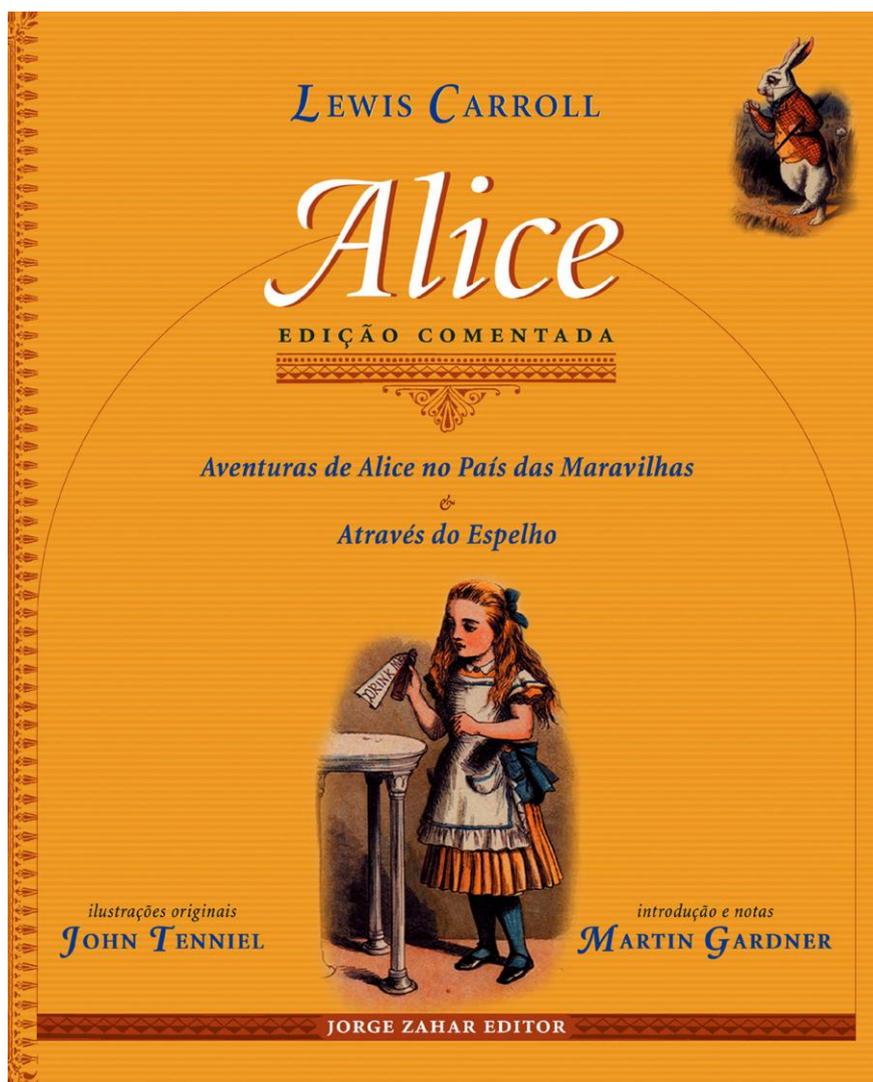


Figura V – Capa da edição de 2002

A obra *Alice no País das Maravilhas*, do autor Lewis Carroll, é composta por doze capítulos. Neste livro, pretende-se mostrar a grandeza de uma simples e pequena menina chamada Alice que passa por uma série de aventuras em um mundo completamente inovador para ela, e é através desse novo universo que ela analisa e questiona determinados conceitos tanto sobre amizade, quanto inimizades. Isso acontece quando ela está conversando com a irmã. Como Alice não tem nada para fazer, e sua irmã está com um livro nas mãos, sem figuras, a pequena se questiona para que ler um livro sem figuras e diálogos.

Sem mais nem menos, ela avista um coelho branco de olhos cor de rosa apressado e olhando as horas em um relógio de bolso e, ao ir atrás dele com imensa curiosidade, cai em um poço muito fundo. Enquanto caía vinham milhões de questionamentos pessoais em sua mente e, de repente, Alice caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas. Ao ver de longe um coelho branco, com um relógio nas mãos, dizendo: “Como está ficando tarde”, sua curiosidade fica ainda mais aguçada.

Conforme ela caía, ia observando que, ao seu redor, havia uma prateleira de livros, mapas e se questionava se a queda nunca teria fim? Em que latitude ou longitude estava?

Após cair, ela teve que sair de cima dos gravetos e das folhas secas. A menina não se machucou, embora a queda fosse bem alta, ao se levantar dos gravetos, avistou o coelho branco. Lá na frente, havia portas pequenas ao seu redor e na empolgação de encontrar algo, abriu uma a uma. Nesse momento, desejava ser pequena e encontrou uma garrafa escrita “beba-me” e com medo de ser veneno, ela analisou bem o vidro. Experimentou um sabor muito gostoso, uma mistura de geléia com ovos e torta de cereja e, em segundos, acabou com o líquido do vidro.

Percebeu que estava encolhendo. Contudo, verificou que esquecera a chave da porta, assim, teria que crescer novamente para pegá-la. Foi, então, que comeu um pedaço de bolo e percebeu que estava crescendo, mas crescera demais. Chegou, então, à conclusão de que, se misturasse um pouquinho dos dois, ela voltaria ao tamanho normal e assim o fez. Finalmente, atravessou a porta e adentrou o universo mágico em que vivia o coelho.

Ao encontrar novamente com o coelho, este se assustou com o tamanho da menina. Ela não se intimidou e começou a caminhar pelo país das Maravilhas. Encontra, então, uma lagarta que está fumando um “narguilê”. Esta questiona a pequena e pede-lhe para que recite poesias. Alice atende ao seu pedido, mas o poema que a menina recita não agrada à Lagarta. Ela explica à Alice que se ela comesse um lado do pedaço de um cogumelo, este a faria crescer e o outro lado a diminuiria.

Alice continua caminhando no País das maravilhas e entra no bosque em uma casa, onde encontra uma duquesa, e o bebê feio dela, o Cozinheiro da Duquesa e seu gato Cheshire. No instante em que Alice se aproxima do bebê,

este se transforma em um porco, após esse acontecimento a menina sai para fora da casa e é convidada a tomar um chá. Eles tomam um chá.

Com isso, a menina, ao sair para fora da casa, se encontra com o gato Cheshire que toda hora sorri, a Duquesa dá o porco nas mãos de Alice que o solta no meio no bosque. Neste momento, ela vê o gato Cheshire em cima do tronco de uma árvore e pergunta-lhe sobre que caminho poderia pegar para voltar para casa. O gato a questiona e isso a deixa irritada, ela percebe e diz para o gato que todos naquele lugar são loucos. Ele concorda com sua observação e fala para a menina para jogar croqué com a Rainha, Alice então aceita o convite.

Ao continuar caminhando, Alice avista a Lebre de Março perto de uma árvore. Ela vê uma mesa enorme e nesta um Chapeleiro estava tomando chá. Enquanto isso, um caxinguelê dormia. Quando o Chapeleiro percebe que este está dormindo na hora do chá, joga um pouco de chá quente sobre o nariz dele.



Figura VI – Alice na hora do chá

(Fonte: <<http://nclivros.files.wordpress.com/2010/01/1.png>>, 2010).

O caxinguelê acorda assustado, então, a Lebre de Março pede para que alguém da mesa lhe conte uma história que tenha um enigma para eles decifrarem. O caxinguelê começa a história, embora, no meio, seja interrompido pelos questionamentos de Alice. Ela percebe que, ao redor da mesa, eles também são confusos. O caxinguelê, perdendo a paciência por ter que explicar detalhes da história para Alice, desiste de terminá-la. Ela pergunta, afinal, qual era o enigma da história. Ele responde que não sabe, com isso a menina fica inconformada, pois como pode alguém fazer uma pergunta sem saber a resposta.

Alice percebe que o relógio não muda as horas, então, quer saber o porquê, o Chapeleiro fala que está quebrado, o objeto marca sempre as mesmas seis horas e eles mudam de lugar nas cadeiras quando a louça se suja. Eles concluem que sempre é hora do chá, só que Alice não vê criatividade nisso, fica indignada com o fato de que só tomam chá e não fazem mais nada.

A menina perde a paciência de ficar só tomando chá e se retira da mesa. Sai da casa e vai para o bosque, vê uma grade roseira branca e três jardineiros pintando as roseiras de vermelho. Alice acha curioso isso e se aproxima para observar por que as cartas do baralho estavam pintando as rosas. As cartas, um *dois* e um *cinco*, discutem porque ouviram a rainha de copas comentar que um deles seria decapitado e o *sete* se intromete na conversa, indagando do porquê dessa decisão da rainha. Isso vira uma confusão entre as cartas, até que Alice pergunta o porquê deles estarem pintando as rosas. O *dois* então explicam que foi um engano, pois plantaram rosas brancas, sendo que era para serem vermelhas. Nesse momento, aparece o *cinco* correndo da Rainha com espanto.

Enquanto isso, a Rainha e o Rei estão com todos os animais e as pessoas do país das maravilhas, reunidos no campo para que comecem um jogo de croqué, onde o taco eram os flamingos.

A Rainha ordena à Alice que ela jogue também, no meio do jogo, o gato reaparece, a menina fica muito alegre em vê-lo e apresenta o gato para a Rainha e o Rei. Mas a cabeça do gato começa a sumir depois do ocorrido. A Rainha pergunta se ela já havia conhecido uma tartaruga falsa, a menina afirma que nunca tinha ouvido falar sobre uma. Nesse ínterim, elas trombam

com um grifo que estava dormindo. Ao vê-lo, a Rainha lhe ordena que leve Alice para conhecer a tartaruga falsa. Depois dessa ordem, a rainha parte, deixando a menina com o grifo. Ele a leva até a tartaruga para que conheça sua história.

O grifo retorna com a menina e ambos veem o Rei e a Rainha em seus tronos com uma multidão reunida. Está em andamento um julgamento. Este foi provocado pelo furto de uma torta da Rainha.

Durante o julgamento, o número *dois* anota os depoimentos de cada carta em um papel. Essas cartas começam a debater com Alice, esta se revolta em ver que a Rainha se importa com o que as cartas pensam, pois para a menina não passam de peças de um baralho.



Figura VII – Alice e as cartas de baralho

(Fonte:

<http://2.bp.blogspot.com/_F1ZaBlpwY4U/S8aXTsfbG4I/AAAAAAAAAJ0/ZS37TGox8rw/s1600/alice_lewis-carroll-06.jpg>, 2010).

No decorrer do julgamento, a Rainha anuncia aos seus “súditos” que cortem a cabeça daquele que desobedeceu às ordens da Rainha.

Em seguida, Alice vê que está deitada com a cabeça no colo da irmã que lhe diz para acordar. A menina diz para a irmã que teve um sonho curioso, ambas levantam para tomar café, enquanto isso, sua irmã começa de certo modo a imaginar os personagens do país das maravilhas e a se questionar como seria sua irmãzinha quando se tornasse uma mulher adulta.

1.2.1 O projeto gráfico editorial do livro

A capa do livro é feita com papel couchê, 150 gramas, na cor amarela. O título é escrito em branco e azul. Na capa, há uma ilustração da personagem principal, Alice, e outra de um coelho branco com casaco vermelho em cima de uma blusa laranja. Embaixo do desenho tem o nome do ilustrador John Tenniel e do autor da introdução e das notas: Martin Gardner.

Na quarta capa há também a ilustração de Alice só que com as palavras *Caindo, Caindo e Caindo*, aproveitando o aspecto semântico da palavra “cair” a disposição gráfica desta palavra é encaixada embaixo de outra, formando uma escadinha.

A folha em branco de abertura do livro atua como zona de descanso para o olhar do leitor. O livro tem ilustrações dos personagens em cada página no canto da folha e também é uma edição comentada. Esse recurso provoca o interesse no jovem leitor e torna a obra mais atraente, pois bem colorida.

O livro comentado inclui notas de Martin Gardner, ilustrações originais de John Tenniel e alguns esboços originais do escritor.

No livro aparece a bibliografia do autor Lewis Carroll e alguns episódios inéditos do livro *Através dos espelhos*, também se encontra no fim do livro comentários sobre as diversas adaptações já produzidas até então sobre Alice.

O livro foi publicado em quatro de julho de 1865, a segunda tiragem aconteceu em dezembro do mesmo ano. A obra rendeu mais ou menos 180 mil cópias.

Os títulos originais de cada capítulo são os seguintes:

1- No Buraco do Coelho.

- 2- O Lago de lágrimas.
- 3- Uma corrida eleitoral e uma história cumprida.
- 4- A Encomenda do Coelho.
- 5- Conselhos de uma Lagarta.
- 6- Porco e Pimenta.
- 7- O Chá dos Loucos.
- 8- O Campo de Croquete de sua majestade.
- 9- A História da Tartaruga Falsa.
- 10- A dança da Lagosta.
- 11- Quem Roubou as tortas.
- 12- O Depoimento de Alice.

Pelos títulos, pode-se observar que há uma sequência das peripécias da heroína pelo país encantado.

As personagens centrais são:

- Coelho Branco
- Gato de Cheshire
- Rainha de copas
- Rei de copas
- Valete de copas
- Rato
- Dodô
- Arara
- Pato
- Aguieta
- Lagarto e lagarta
- Duquesa
- Chapeleito louco e a lebre de Março
- Arganaz
- Grifo
- Tartaruga Fingida

Todas as personagens da história são atraentes para o jovem leitor, pois remetem ao seu imaginário. Trata-se de personagens planas, pois não

evoluem, definidas pelo inusitado. A própria narrada, relatada em terceira pessoa caracteriza-se pelo nonsense.

Carroll deixa bem claro que pode existir na mesma obra literária o sentido real e o irreal, e isso torna a obra mais atraente para o público.

No livro, a personagem Alice vivencia aventuras inusitadas que, para ela, parecem ser um sonho. A partir dessas aventuras insólitas, a obra apresenta seu diferencial, pois explora a imaginação, causando um efeito no público receptor de estranhamento. Justamente, esse estranhamento conduz o leitor a um mundo inesperado que lhe provoca a reflexão, pois muito diverso de sua realidade. Nesse mundo, a jovem Alice pode indagar, questionar e tomar decisões, assim, ela motiva o jovem a também ser dinâmico e a não aceitar passivamente tudo que se lhe apresenta.

Desde sua primeira edição na Inglaterra, *Alice* foi um grande sucesso. Estima-se que tenha vendido, até a morte do autor, cem mil cópias, um número estrondoso tanto na época como hoje. Desde então, *Alice* já teve inúmeras edições em inglês e foi traduzido em dezenas de línguas, inclusive em chinês e em alguns dialetos africanos. Muito contribuíram para a difusão mundial de *Alice* o desenho animado de Walt Disney (1951) e o filme para televisão dirigido por Jonathan Miller (1966) e interpretado pelos ótimos atores ingleses John Gielgud e Peter Sellers. (ACHCAR, 2000, p.13).

No Brasil, a história de Alice, ficou conhecida entre as crianças através do ícone da literatura infantil – Monteiro Lobato –, e também por ser uma história de aventuras e ter o jogo de palavras. Essas opções estéticas do escritor permitem que a obra se torne mais rica e leve seu público leitor a desautomatizar o uso da linguagem. Alguns de seus poemas são formais quanto à rima e métrica, contudo, informais, pelo estranhamento que provocam, essa ambiguidade torna a leitura agradável e instigante.

A Adaptação e o Trabalho Prático

1. O cinema no mundo

Para Aumont:

O cinema ressuscita o homem imaginário, pois ele mostra precisamente sua realidade de imagem, ele é, portanto o lugar ideal de confusão e de apreensão do real e do imaginário, de relação entre a modernidade e o arcaísmo. (2003, p.19).

Como se vê, pela citação, o cinema atinge a espaços que recobrem o planeta. O que justifica a hipótese que sustenta este trabalho de que esse tipo de produção imagética democratiza a cultura.

1.1 O Surgimento

Conforme Martim:

O Cinema foi uma arte desde suas origens. Isto é desde suas origens. Isto é evidente na obra de Méliès, Para quem o cinema foi o meio, com recursos prodigiosamente ilimitados, de prosseguir suas experiências de ilusionismo e prestidigitação do teatro Robert-Houdin: existe arte desde que haja criação original (mesmo instintiva) a partir de elementos primários não específicos, e Méliès, enquanto inventor do espetáculo cinematográfico, tem direito ao título de criador da sétima arte (2003, p.15).

O cinema surgiu em 1896, com os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière que projetaram para a plateia um filme animado, mal sabiam eles que essa invenção se tornaria a sétima arte. A série de filmes animados teve duração de 40 a 50 segundos cada, os rolos das películas eram menores com o comprimento de 15 metros. Desde então, o cinema foi aceito pelo público expandindo-se pela França, Europa e Estados Unidos e agora abrange o mundo inteiro. A intenção do cinema era de documentar algo novo com uma simples câmera na mão.

O Cinema, assim como a publicidade tem o poder de persuasão muito intenso porque fascina seu target, desperta a curiosidade a cada filme lançado no mercado. Ele persuade o ser humano a sair do cotidiano e a entrar no mundo projetado, tornando-se assim parte deste. O cinema pode ser emancipatório quando permite, assim como em um livro, que o leitor amplie sua visão de mundo.

O Investimento em publicidade gera muito dinheiro no mercado cinematográfico. Os atores, produtores, diretores entre outros fazem desse meio de comunicação, cada vez mais inovador, fonte de lucro, pois a cada recorde de bilheteria conquistado, aumenta a satisfação pelos trabalhos realizados durante meses, ou até mesmo anos, que atingiram de forma satisfatória o seu receptor. O Cinema foi e continua sendo aceito por todos os tipos de público, independente de idade, sexo ou nacionalidade. Prima por atender fielmente seu público, tentando sempre variar a sua criatividade de acordo com o gosto do receptor.

2. A Chegada do filme *Alice no Brasil*

Como nos demais países, *Alice*, na versão de Tim Burton, obteve elevada bilheteria no Brasil, tornou-se assunto nas mídias diversas e também nos blogs de jovens de todo território nacional. Em nosso país, o filme estreou em 23 de abril de 2010.

O filme *As aventuras de Alice no país das Maravilhas* foi adaptado de um clássico de 1950, escrito por Lewis Carroll, pelos estúdios Walt Disney. Tim Burton dirigiu a adaptação que mudou o público da obra, pois, no original, este era infantil, mas na versão cinematográfica, tornou-se mais juvenil e adulto. A qualidade do trabalho de Burton aparece não só no recorde de bilheteria, mas na beleza das fotografias, no figurino, na maquiagem, nos efeitos especiais, na produção, no elenco e nos elementos imaginários que deixam o filme mais atrativo. Esse filme investiu muito em publicidade. No mundo todo, foram vendidos produtos relacionados ao filme.

Segundo a **Veja** do mês abril do ano de 2010, o livro de Lewis Carroll, graças ao filme, voltou para a lista dos livros mais vendidos e ficou na nona

posição. Já no mês de junho, ele subiu para a quinta posição. Pode-se notar, então, que a democratização da cultura que o cinema assegura, pode não só levar cultura a lugares distantes, como resgatar o gosto pela leitura da obra à qual uma adaptação bem feita se refere.

3. Publicidade destinada ao público infantil e juvenil

O sucesso do filme de Tim Burton pode ser verificado na oferta de produtos que este inspirou. Houve criação de pratos e drinks em bares e restaurantes, segundo Bruna Gomes e Daniel Ottaiano (2010).

Antecipando-se ao lançamento do filmes, o mercado lançou jogos, brinquedos e acessórios inspirados na obra de Lewis Carrol.

A marca melissa, por sua vez, lançou calçado temático a R\$110,00 que poderia ser comprado na Galeria Melissa ou pelo site www.melissa.com.br:

:



Figura VIII – Calçado inspirado na personagem Alice

Vários outros produtos também surgiram, como roupas, acessórios, mochilas, sapatos e jogos tanto inspirados no filme de Tim Burton, quanto na obra de Lewis Carroll. Luciana Pivato (2010) criou sapatinhos inspirados na personagem Alice:



Figura IX – Calçado infantil inspirados na personagem Alice

(fonte: <http://vejasp.abril.com.br/especiais/alice-pratos-drinques-bares-restaurantes>, 2010)

3.1 Publicidade destinada ao público diverso e adulto

Alguns chefs de cozinha, doceiros e barmans também o fizeram. A homenagem aos personagens aparece em forma de doces. A chef Carole Crema, da La Vie em Douce (2010), criou uma linha especial de cupcakes temáticos sobre Alice, o Chapeleiro Maluco e o Coelho, entre outros:



Figura X – Alimentos inspirados no país das maravilhas

(fonte: <http://vejasp.abril.com.br/especiais/alice-pratos-drinques-bares-restaurantes>, 2010)



Figura XI – Personagens em açúcar inspirados no país das maravilhas

(fonte: <http://vejasp.abril.com.br/especiais/alice-pratos-drinques-bares-restaurantes>, 2010)

A inspiração atingiu até mesmo a joalheria H. Stern que criou jóias, mais especificamente, anéis surpreendentes:





Figura XII – Joias inspiradas no país das maravilhas

(Fonte: <http://www.adorojoias.com.br/>, 2010)

4. Análise do Filme adaptado



Figura XIII – Cartaz do filme

(fonte: <http://cinemaepipoca.blogspot.com/2010/06/alice-no-pais-das-maravilhas.html>, 2020).

4.1 Ficha técnica

- título original: *Alice in Wonderland*
- gênero: Aventura
- duração: 1h48min
- ano de lançamento: 2010
- site oficial: <http://disney.go.com/disneypictures/aliceinwonderland/>
- estúdio: Walt Disney Pictures / Tim Burton Productions / Roth Films / Team Todd / The Zanuck Company
- distribuidora :Buena Vista International
- direção: Tim Burton
- roteiro: Linda Woolverton, baseado em romance de Lewis Carroll
- produção: Tim Burton, Joe Roth, Jennifer Todd, Suzanne Todd e Richard D. Zanuck
- música: Danny Elfman
- fotografia: Dariusz Wolski
- direção de arte: Tim Browning, Todd Cherniawsky, Andrew L. Jones, Mike Stassi e Christina Ann Wilson
- figurino: Colleen Atwood
- edição: Chris Lebenzon
- efeitos especiais: Sony Pictures Imageworks / Svengali Visual Effects / Plowman Craven & Associates / CafeFX / Matte World Digital

4.2 Divisão em atos

O filme adaptado de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* pode ser dividido em três atos. O primeiro começa quando Alice, uma menina de dez anos, levanta-se no meio da noite e diz a seu pai que está com pesadelos. Seu pai acha uma maneira para encorajar a filha e para provar que ela está apenas sonhando a belisca:



Figura XIV – Alice e seu pai

(1º ato – Alice conversa com seu pai)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

Já na outra cena do filme, Alice não é mais uma criança e sim uma mocinha com 13 anos de idade, ela está em uma carruagem a caminho de uma festa, seus trajes são de classe, com um vestido azul todo rendado, os cabelos presos, tem um colar no pescoço, está sem meias e de sapatos preto. Ela jovem conversa com sua mãe que a crítica pela maneira de se vestir, porque onde já se viu naquela época ficar sem as meias nos pés.

A jovem conta para mãe que vive tendo sonhos estranhos, as duas chegam ao local onde irá ter uma festa na casa da família Hamish. Os pais de Hamish recebem a mãe e a moça com muita cortesia e respeito, porém a Senhora Hamish reclama para as duas da demora, o Senhor Hamish se desculpa com as duas pela falta de gentileza da esposa:



Figura XV – Os Hamish

(1º ato – o casal Hamish e o descontentamento da esposa)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

Na cena seguinte, o filho do casal Hamish convida Alice para dançar com o resto dos convidados e a jovem aceita. No decorrer da dança, o diálogo entre eles não combina porque ele tenta cortejá-la e ela comenta sobre coisas absurdas como analisar os pássaros que estão voando ao redor deles no céu. Alice pergunta ao jovem se ele nunca se cansa de dançar sempre no mesmo ritmo e ela continua falando seus pensamentos para ele, mas este não presta a mínima atenção. Ao terminar a dança, ele convida Alice para um encontro a sós no coreto da casa. Alice fica intrigada, mas aceita. Ela se vira para sair e se depara com duas meninas gêmeas que lhe contam um segredo: Hamish irá

pedi-la em casamento naquele dia. A irmã de Alice chega no meio da conversa, e fala para as gêmeas que elas estragaram a surpresa.

O fato de o casamento ter sido arranjado advém da compra pela mãe de Alice da empresa dos pais do pretendente da jovem. A mãe de Hamish chama a menina para terem uma conversa as sós, então elas saem do local da festa e vão caminhando para o jardim da casa.

A Sr. Hamish fala bem de seu filho e mal das flores brancas que estão plantadas em seu jardim, ela acha que as flores deveriam ser vermelhas ao invés de brancas. Após a conversa das duas, Alice volta para o local da festa e avista o marido de sua irmã beijando outra moça. Ela fica arrasada com a situação.

Já na outra cena, Hamish a encontra no coreto da casa, onde todos os convidados se apresentam e ficam na frente dos futuros noivos.



Figura XVI – Os convidados

(1º ato – os convidados observam os enamorados)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

Hamish se ajoelha e pede Alice em casamento. Para a decepção do Lorde, no momento em que ele faz o pedido, a jovem de longe avista um

coelho branco nos jardins e sai à procura dele, fugindo da proposta do casamento arranjado.

Tem início, então, o segundo ato. Alice vê o coelho branco entrar em um buraco, curiosa, ajoelha-se perto do buraco, o chão cede e ela cai em um abismo que parece não ter fim. Desse modo, Alice entra novamente no país das maravilhas.



Figura XVII – A curiosidade de Alice

(início do 2º ato – Alice observa o buraco pelo qual entrou o coelho branco)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

No momento em que Alice sente os pés no chão, ela vê em seu redor várias portas de tamanhos diferentes e tenta abri-las, mas elas estão fechadas. No centro do lugar em que ela se encontra, há uma mesa sobre a qual está uma chave. Esta abre somente uma porta minúscula, pela qual Alice não pode passar. Em seu desconsolo, ela vê ao lado do pé da mesa uma garrafa com um líquido dentro, em cuja etiqueta está escrito: beba-me. Alice bebe o líquido e fica muito pequena, mas antes disso se esquecera de pegar a chave para abrir a porta pequenina. Novamente, preocupa avista um bolo em cuja etiqueta

está escrito: coma-me. Ela o faz e fica imensa. Em síntese, ela mistura os dois ingredientes e consegue passar pela porta. Chega ao universo mágico em que o coelho vivia, portanto entra no país das maravilhas. Trata-se de um lugar lindo, encantador.



Figura XVIII – Alice adentra o país das maravilhas

(2º ato – Alice chega ao país das maravilhas)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

Alice, no universo das maravilhas, vai ao encontro de vários animais, um deles é o coelho branco. Também conhece dois irmãos gêmeos: Twedledee e Twedledum, a Ratinha, um pássaro e as Flores coloridas. Todos eles falam e manifestam suas opiniões a respeito de Alice.



Figura XIX – Os gêmeos

(2º ato – irmãos gêmeos)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

Os animais do País das Maravilhas se lembram da jovem e vão todos empolgados recebê-la, muitos deles não a reconhecem, mas para a decepção deles, a menina não acredita naquilo que está vendo e ouvindo, acha que aquilo não passa de um sonho. Eles a levam para o Absolut, uma Lagarta que fuma um “narguilê”. Esta desafia a moça e pede-lhe para que recite poesias, Alice atende ao seu pedido, porém o poema que a menina recita não agrada à Lagarta.

Absolut explica à Alice que ela tem uma missão de desenrolar e resolver a solução de um oráculo, nele existe uma história ilustrada, em que participam todos os amigos reencontrados. Estes incentivam Alice a fazer exatamente o que está no oráculo. No passado, ela que lutara e eles ganharam a batalha, agora, ela precisa fazer o mesmo. Alice acha tudo aquilo uma loucura e se belisca para ver se não está sonhando.

De repente, aparece um animal enorme, Capturander, e várias cartas de baralho vermelhas, soltando flechas em seus arcos. A Ratinha, para proteger Alice, arranca com uma agulha o olho do Capturander. Um cavaleiro que está junto com o exército de baralhos da Rainha Vermelha pega o oráculo da mão da menina e o leva para o castelo, entregando-o à rainha. Enquanto isso, no castelo da Rainha, um dos seus serviçais animais roubou uma torta e a monarca descobre que é um sapo, por isso, perturbada, ordena que lhe cortem a cabeça.

Na cena seguinte, a Rainha senta em seu trono e conversa com Islosovic Stayne, o Valete. Este conta para a rainha que Alice voltou e mostra-lhe o oráculo, ela manda seu exército novamente atrás da moça.

Alice, ferida no braço pelas unhas do Capturander, encontra um Gato que tem o poder de desaparecer.



Figura XX – O Gato

(2º ato – O Gato que desaparece)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

O Gato cobre sua ferida com um pano e a leva até a lebre de março, o coelho branco e o Chapeleiro Maluco. Eles tomam um chá, e este último diz que quando a Rainha Branca colocar a coroa que está com a Rainha Vermelha, irá fazer uma dança: “o passo maluco”.

Após alguns minutos, o exército da Rainha Vermelha aparece e comandando-o está o Valete. O Chapeleiro dá um líquido para Alice beber e a jovem volta a diminuir, ele a esconde dentro da chaleira juntamente com seu vestido enorme. Ele então corta o vestido para que fique do tamanho adequado à moça. Eles despistam o exército da rainha vermelha.

O Chapeleiro foge com Alice e narra para a jovem a história da Rainha Vermelha que, como todo tirano, destruiu inúmeras famílias, instaurando o medo. A rainha queria tudo sempre só para ela, para atingir seus objetivos ameaçava a população com um dragão terrível. Alice deveria ajudá-los, matando este dragão. A jovem sente-se acuada, pois não deseja matar ser algum.

O Chapeleiro é pego pelo exército da Rainha Vermelha, antes disso, arremessa Alice em seu chapéu para protegê-la. Diz-lhe para fugir até o reino da Rainha Branca. A jovem não obedece. Ela dorme embaixo do chapéu e no dia seguinte, com a ajuda de um cachorro que era prisioneiro da Rainha Vermelha, dirige-se para o reino da vilã.



Figura XXI - O Chapeleiro prisioneiro da Rainha Vermelha

(2º ato – O Chapeleiro torna-se prisioneiro da Rainha Vermelha)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

Alice, desobedecendo às ordens do Chapeleiro vai ao reino da Rainha Vermelha. Lá encontra-se com o Chapeleiro que lhe diz para entrar no local onde o Capturander está acorrentado, e pegar a chave que abre um baú, no qual se encontra a espada da Rainha Branca. Para isso, Alice devolve ao monstro seu olho que fora arrancado. Ele, então, lambe a ferida que a moça tem no braço, curando-a de imediato. Alice pega a espada e com a ajuda do Capturander enfrenta o exército da Rainha Vermelha e foge para o reino da Rainha Branca. O cachorro também parte com ela para o mesmo destino.

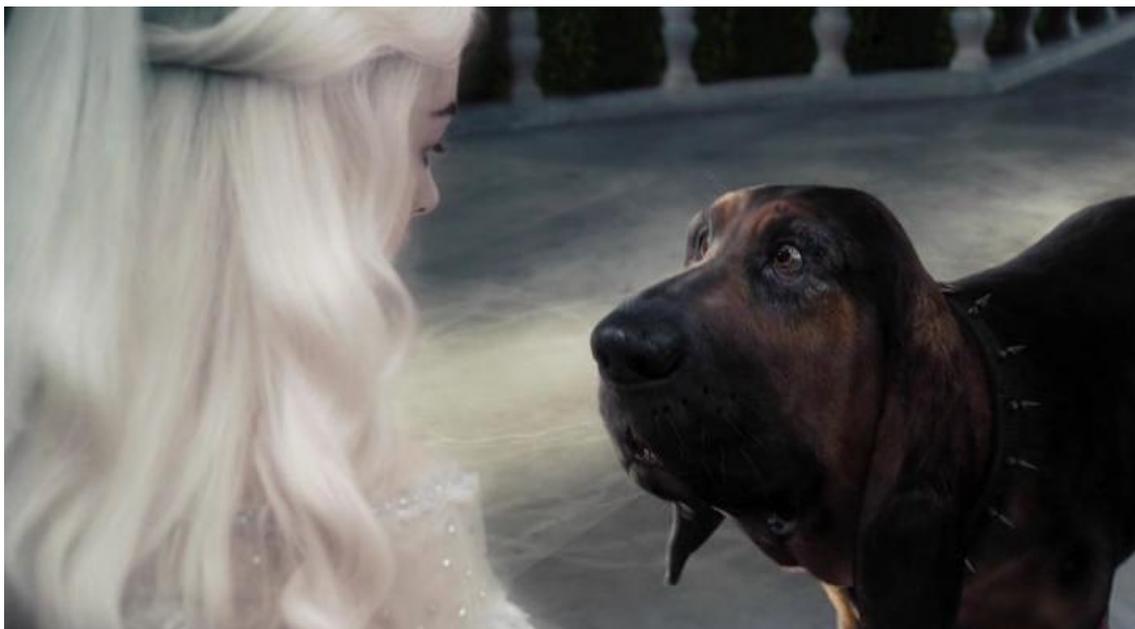


Figura XXII - O Cachorro

(2º ato – O cachorro reencontra sua amada Rainha Branca)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

Alice entrega a espada para a Rainha Branca, enquanto isso seus amigos são capturados pela Rainha Vermelha e presos. Logo depois, a Rainha convoca a todos para a sessão de decapitação do Chapeleiro. Contudo, ao tentar cortar a cabeça do Chapeleiro Maluco, o Gato pega o seu chapéu e o salva.

A Rainha ordena que soltem um pássaro cruel de rapina e todos saem correndo. A Rainha Vermelha resolve, então, visitar sua irmã, a Rainha Branca. O Chapeleiro vai até o castelo da Rainha Branca, onde Alice e o cachorro estão, ele afirma que Alice precisa enfrentar o dragão, mas ela se nega a isso.

O Reino da Rainha Branca deve decidir qual deles irá lutar com a espada contra a Rainha Vermelha, eles decidem que é a Alice quem deve lutar porque a história está em um oráculo. A Jovem, diante da situação, foge novamente ao encontro de Absolut. Nesse momento, ela se lembra da história toda de quando ela esteve da outra vez aos 10 anos de idade no País das Maravilhas, e diz para Absolut que aquilo não era mesmo o sonho dela e sim era tudo real.

O exército da Rainha Branca vai até o local da luta contra o exército da Rainha Vermelha. As irmãs ficam frente a frente, então, a Rainha Vermelha anuncia a chegada do Dragão. Alice aparece de armadura e mata o dragão, libertando a todos.

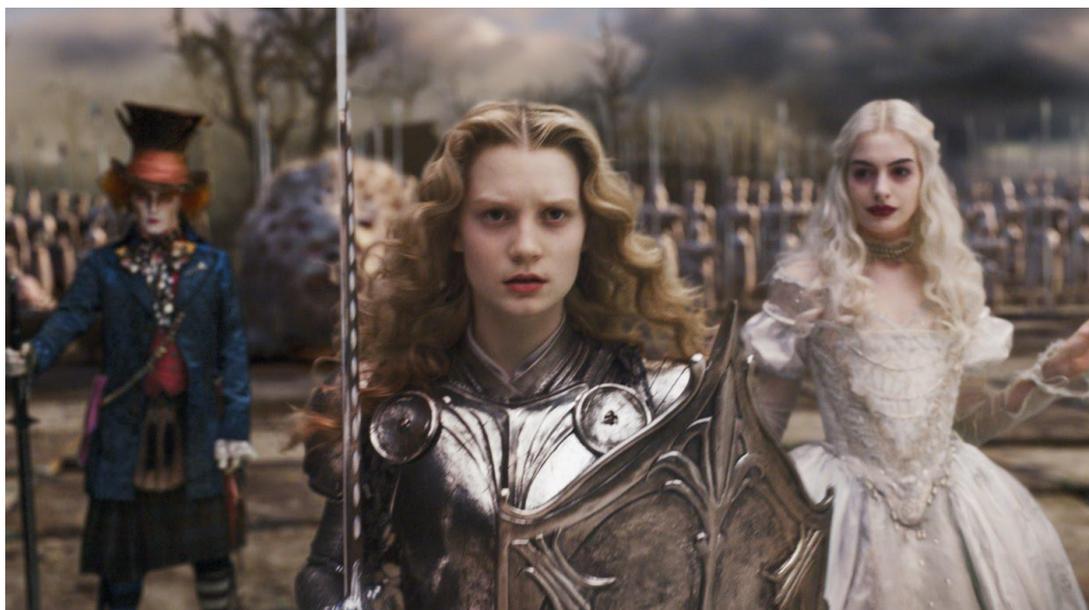


Figura XXIII – A batalha final

(2º ato – O confronto final)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

O Exército da Rainha Branca vence a luta, então, o Valete de Copas e a Rainha Vermelha são presos e condenados ao exílio. O Gato pega a coroa da Rainha Vermelha e passa para a Rainha Branca.

O Chapeleiro começa a fazer uma dança e a Rainha Branca dá um líquido para a jovem tomar e voltar para a casa e a Rainha diz a escolha é dela.

Tem início o terceiro ato, quando todos os conflitos são resolvidos. Contudo, Alice, ao retornar à sua festa de casamento, precisa ainda ser dona de seu próprio destino. Ela, então, nega o pedido de casamento de Hamish. A moça que retorna da aventura está mais forte e determinada, ela diz ao pai de Hamish – antigo sócio da empresa de seu pai – que devem conversar sobre negócios. Ambos vão até o escritório e ela mostra para ele que pode expandir seu comércio pela China e outros países. Ele a elogia e apóia suas ideias.

O filme termina quando Alice viaja em um barco para expandir o comércio de sua empresa, ao subir no barco, uma borboleta azul pousa em seu ombro, conotando que a lagarta Absolut também, como a jovem, evoluiu.



Figura XXIV – A partida
(3º ato – desfecho do filme)

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

4.3 Principais diferenças observadas entre o filme e o livro

A principal diferença reside no endereçamento de público. A obra de Carroll dirige-se à criança, embora, pela poeticidade que apresenta possa ser lida por pessoas de toda idade. Já no filme, na versão de Tim Burton, a história dirige-se ao público juvenil e adulto.

Outra diferença aparece no emprego da linguagem. O livro de Carrol desenvolve-se no plano verbal, a adaptação de Burton, no imagético. Além disso, para enriquecer sua obra, Carroll utiliza recursos como figuras de linguagem, rima, poesia, imagens e outros recursos propriamente usados na

criação de um livro. A protagonista é uma menina de apenas 10 anos. Na verso de Burton, trata-se de uma jovem de 13 anos que regressa ao país das maravilhas, embora não se lembre a princípio da primeira vez em que estivera lá. Burton apresenta então a continuação das aventuras de Alice. Pretendendo atingir todo tipo de público, o diretor utiliza-se de recursos próprios do cinema para representar as metáforas de Carroll. Assim, explora efeitos especiais, como o 3D, e computacionais. Além disso, emprega um rico figurino e explora com muita precisão o movimento das câmeras. A trilha sonora, por sua vez, torna o filme mais belo e atrativo ao público.

A protagonista não é mais uma criança e sim uma jovem que está prestes a se casar. Esse filme retrata uma recriação livre de Burton, contudo, pode-se reconhecer nele todos os elementos de Carroll, como os animais, as rainhas Vermelha e Branca, os monstros e o famoso Chapeleiro.

O *nonsense* manifesto na narrativa de Carroll fica por conta dos efeitos especiais e da interpretação dos atores, sobretudo, de Johnny Depp, que interpreta o Chapeleiro louco, e Helena Bonham Carter que representa a Rainha Vermelha. Estes personagens são exagerados e caricaturais, além de incoerentes e angustiados.



Figura XXV – O Chapeleiro



Figura XXVI – A Rainha Vermelha

(fonte: <http://maxcdn.fooyoh.com/files/attach/images/591/165/650/003/tim-burtons-alice-in-wonderland.jpg>, 2010).

4.4 Principais semelhanças observadas entre o filme e o livro

Tanto o livro quanto o filme apresentam o *nonsense* como princípio constitutivo. No livro, o narrador é observador e onisciente, contudo, seu relato deixa lacunas na narrativa para que seja criada expectativa no leitor. Além disso, o narrador adere ao olhar de Alice, assim, o leitor se identifica com a personagem, pois descobre a razão dos eventos que presencia ao mesmo tempo em que a protagonista. Tim Burton utiliza-se da câmera, esta também adere ao olhar de Alice, embora tenha onisciência em certas cenas, em outras, a câmera deixa lacunas que só serão preenchidas posteriormente. O fato da câmera aderir ao olhar de Alice também assegura a empatia do leitor com esta personagem. A câmera relativiza seu local no relato, cedendo a voz narrativa ao Chapeleiro que assume a narração a Alice de como era o reino antes do domínio da Rainha Vermelha.

O espaço tanto na adaptação, quanto no livro é fantástico, assim, são semelhantes.

O tempo da enunciação do narrador em ambos é ulterior, tudo que está sendo narrado já aconteceu. Contudo, no livro, Alice vivencia a ida ao país das maravilhas em sua infância. No filme, a protagonista o faz pela segunda vez em sua adolescência.

A adaptação de Burton representa uma história bem elaborada que traz de volta a história clássica. Para os que leram o livro, o filme apresenta-se como uma ampliação de sentidos. Para os que não o leram, ele convoca a leitura e posterior comparação. Enfim, tanto a obra de Carroll quanto a versão de Burton merecem ser apreciadas individualmente, graças ao trabalho estético de ambas.

Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo analisar a adaptação cinematográfica do livro *Alice no País das Maravilhas*, do escritor Lewis Carroll, sob a direção de Tim Burton (2010). Pelo exposto, pudemos perceber que a adaptação de uma obra literária para o cinema representa também um processo criativo em que o diretor pode recriar ou ampliar a história com a qual dialoga.

Este processo para ser bem sucedido requer recursos cinematográficos complexos que valorizem a obra, além disso, toda equipe de direção deve ser bem orientada e sincronizada.

Por meio da análise, pudemos entender a adaptação como um processo que envolve opções estéticas que estão relacionadas à dominância da linguagem audiovisual. Para tanto, analisamos as características gerais de cada uma das obras, a fílmica e a literária, em seus seguintes elementos narrativos: narrador, espaço, tempo, personagens etc., observando na versão fílmica os recursos audiovisuais.

Mais especificamente, refletimos sobre a transposição da obra para o cinema, a partir da nova adaptação, lançada no ano de 2010, nos Estados Unidos. Nessa análise, pudemos detectar que houve interesse do público pelo filme e, justamente, este determinou o lançamento de produtos afins à adaptação no mercado.

A *fantasia* presente na obra de Carroll foi recriada pela indústria Walt Disney, por meio de efeitos especiais e do 3D. O produto permitiu ao público um mergulho no mundo dos sonhos e do maravilhoso.

Em síntese, verificamos que o cinema democratiza a cultura, pois assegurou o retorno das vendas dos livros de Carroll, além disso, a adaptação muitas vezes chega a locais em que o livro não consegue. Desse modo, a versão fílmica pelo menos assegura o conhecimento de uma produção imagética voltada para o fantástico e divulga a existência de uma obra na qual se baseia.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Luiz Maria de Leite Machado. **Leitura de Fábulas e Escrita: um percurso de Subjetivação Ética do Aluno - Professor**. Taubaté: UNITAL, 2007. Disponível em: < <http://www.unitau.com.br/cursos/pos-graduacao/mestrado/linguistica-aplicada/dissertacoes-2/dissertacoes-2007/Dissertacao%202005-2007%20Luiza%20Maria%20Leite%20Machado%20Alves.pdf>>. Acesso em :11 jul. 2010
- BAGNO, M. *Linguística da Norma* (org.). São Paulo: Loyola, 2002
- BENJAMIM, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BLAKE, Quentin (selec.). **Magic Pencil. Children's book illustration today**. London: The British Library, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. Editora Unesp, São Paulo, 1998.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. **A Literatura Infantil e Juvenil de Língua Portuguesa: Leituras do Brasil D'Além – Mar**.
- FERNANDES, Dirce Lorimier. **A literatura infantil**. São Paulo: Edições Loyola, 2003
- FILHO, 187 José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil brasileira**. Disponível em: < http://200.136.76.125/colégio/livros/download/alice_no_pais_das_maravilhas.pdf>. Acesso em: 11 maio 2010.
- LANGLOIS. *Monuments littéraires de l'Inde* (Lefèvre, 1827). Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via09/Via%209%20cap13.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2010.
- LEFREVE, A. **Tranlation rewritink and the manipulation of literary fame**. London: Routledge, 1992.
- METZ, Christian Metz. **A Significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ROBERT, Marthe. **Romance das Origens, Origens do Romance**. Disponível em:

<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/cinema_analise_art_sem_bh_2002.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2010.

XAVIER, I. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, edição 2169 – ano 43 - nº24, 16 de junho de 2010.

